

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE EPIS NA REALIZAÇÃO DO CUIDADO COM OS PACIENTES SUBMETIDOS AO ISOLAMENTO DE CONTATO NA TERAPIA INTENSIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.¹
THE IMPORTANCE OF THE USE OF EPIS IN CONDUCTING CARE WITH PATIENTS SUBMITTED TO ISOLATION OF CONTACT IN INTENSIVE THERAPY: EXPERIENCE REPORT.

**Jonata De Mello², Paola Elizama Caurio Rocha³, Cinthia Cristina Oliveski⁴,
Andressa Ohse Sperling⁵, Eglon Pauli⁶, Cleci Lourdes Schmidt Piovesan
Rosanelli⁷**

¹ Relato de Experiência

² Acadêmico de Enfermagem, UFSM/ Campus Palmeira das Missões

³ Acadêmica de Enfermagem, UFSM/ Campus Palmeira das Missões

⁴ Mestranda em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria, Especialista em Gestão em saúde e controle de infecção.

⁵ Acadêmica de Enfermagem, UFSM/ Campus Palmeira das Missões

⁶ Acadêmico de Enfermagem, UFSM/ Campus Palmeira das Missões

⁷ Enfermeira Doutora em ciências pela UNIFESP, Docente do curso de enfermagem pela FISMA.

Introdução

Aproximadamente 10% dos pacientes hospitalizados adquirem infecção relacionada à assistência à saúde (IRAS) em consequência de procedimentos invasivos a quais são submetidos, principalmente no âmbito das Unidades de Terapia Intensiva (UTI). Os principais causadores destas infecções são os estafilococos e bactérias gram-negativas, como as enterobactérias e *Pseudomonas sp.* As UTIs são reservatórios frequentes de bactérias multirresistentes, sendo que a taxa de IRAS nestas unidades varia de 18 a 54%, chegando a ser dez vezes maior que em outros setores de internação. Em virtude de tais evidências, faz-se necessário evitar a transmissão cruzada entre pacientes, por meio da instituição de precauções de contato no paciente fonte e, ainda, pela utilização dos equipamentos de proteção individual (EPIs) pelos profissionais de saúde (OLIVEIRA; KOVNER; SILVA, 2010).

O uso de EPI é uma exigência da legislação trabalhista brasileira através da Norma Regulamentadora NR 6 (1978) complementada pela NR 32 (2005) e nº 194 (2010). Segundo Badistoni et al. (2011), EPI é todo dispositivo ou produto, de uso individual, utilizado pelo trabalhador, destinado à proteção de riscos que podem ameaçar a segurança e a saúde no trabalho.

As precauções, chamadas também de isolamentos, juntamente com o uso correto dos EPIs são práticas de prevenção e controle de doenças transmissíveis, assim como para evitar a disseminação de germes multirresistentes. Essas precauções são instituídas para proteger não somente os profissionais de saúde das IRAS, mas igualmente outros pacientes (LOPES, 2015).

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

Atualmente, são preconizadas as seguintes precauções: precaução padrão, de contato, por gotículas, por aerossóis e protetoras, sendo que para cada uma delas é necessário o uso de determinados EPIs (ANVISA, 2017).

Dentre estas, será abordada a precaução de contato, a qual é frequentemente observada na UTI. Esta precaução é indicada para pacientes colonizados ou infectados por germes multirresistentes, tais como *Pseudomonas* sp e *Acinetobacter* sp. *Pseudomonas* sp é um bacilo gram-negativo móvel, aeróbio, não-esporulado. É um agente patogênico oportunista que habita o solo, água e vegetais e está presente na flora da orofaringe, axilas, períneo e mucosa nasal, sendo o trato gastrointestinal sua principal área de colonização (FERREIRA; LALA, 2010).

O *Acinetobacter* sp consiste num bacilo gram-negativo aeróbico estrito, não fermentador, pouco exigente, responsável pela maioria das infecções hospitalares (PELEG et al., 2008), encontrado na água e solo, podem permanecer como comensais na pele e garganta de pessoas saudáveis. (OLIVEIRA 2007 apud Bergogne- Berezin 1996) . Ressalta-se, ainda, que a precaução por contato visa a prevenção da transmissão cruzada entre pacientes.

Assim, necessita de uso rigoroso de equipamentos específicos dentre eles máscaras e óculos quando forem realizados procedimentos com geração de aerossóis ou, ainda, quando há possibilidade de respingos na mucosa nasal ou oral, e a utilização das luvas e aventais, durante todo e qualquer procedimento a ser realizado com o paciente, quando encostar-se a superfícies próximas ao leito e, ainda, quando manusear cateteres e sondas, do circuito e do equipamento ventilatório.

O ideal para o paciente infectado ou colonizado por germes multirresistentes é que permaneça em quarto privativo para evitar a transmissão a outros pacientes. Na impossibilidade, manter o paciente em sistema de coorte, ou seja, deixar no quarto pacientes com o mesmo germe e perfil de sensibilidade bacteriana. A utilização de equipamentos como termômetro, esfigmomanômetro e estetoscópio deve ser de uso exclusivo do paciente (ANVISA, 2017).

As barreiras protetoras podem ser físicas, mecânicas ou químicas e previnem a disseminação de microrganismos infecciosos de um paciente para outro, ou do profissional para o paciente e vice-versa. As medidas de prevenção incluem desde a higienização das mãos e uso dos EPIs, até os processos de desinfecção e esterilização dos artigos médico hospitalares e a limpeza do ambiente hospitalar (ENNES, 2002).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência vivenciada por acadêmicos do 6º semestre do curso de enfermagem, no qual salienta a importância da utilização de EPIs na realização do cuidado com os pacientes submetidos ao isolamento de contato na unidade de terapia intensiva, visando à prevenção da transmissão cruzada de germes multirresistentes.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, tipo relato de experiência a partir da utilização da metodologia problematizadora, a qual foi desenvolvida em aulas práticas no 6º semestre do curso de enfermagem na disciplina de enfermagem em terapia intensiva. Este componente curricular teve como objetivo instrumentalizar o acadêmico para sua inserção no controle e prevenção de infecção hospitalar; desenvolver conhecimentos para fundamentar a prestação de assistência de enfermagem ao indivíduo e familiares de forma holística; discutir o papel do enfermeiro na

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

organização, funcionamento e processo de trabalho em UTI; e proporcionar ao acadêmico uma visão holística das respectivas unidades e das funções/competências do enfermeiro neste contexto.

As aulas práticas foram realizadas na UTI de um hospital localizado no norte do Rio Grande do Sul, no período do 2º semestre de 2017. Utilizaram-se os referenciais da metodologia problematizadora, pois esta visa à observação da realidade em busca de um problema, elencando pontos chaves, trazendo hipóteses de solução para a adversidade encontrada e desenvolvendo propostas de aplicação na realidade (PRADO et al., 2012).

Resultados

O uso dos EPIs em pacientes mantidos em precauções de contato tem finalidade de prevenir a transmissão cruzada para outros pacientes de germes multirresistentes. Neste sentido, observou-se que os EPIs não eram utilizados adequadamente pelos profissionais de saúde (enfermeiros, técnicos e médicos) na UTI. A partir desta observação durante as aulas práticas, subentende-se que as causas para o fato são a pressa em decorrência do excesso de trabalho e, também, a rotina da não utilização, resultando no esquecimento do quão necessário é o uso dos mesmos. Em consequência disso, os profissionais e os demais pacientes ficam submetidos a diversos patógenos que podem transitar de um leito para outro.

Um dos problemas maiores constatados foi o descuido por parte dos profissionais quanto a não utilização dos EPIs quando os mesmos entravam em contato com pacientes submetidos a isolamento de contato, sendo assim um problema que necessita de resolutividade. Os profissionais entravam, saíam e prestavam cuidados a outros pacientes sem seguir as precauções exigidas pela ANVISA, como a higienização das mãos e o uso do avental e luvas, havendo a possibilidade de já ter ocorrido a transmissão de germes para o paciente de outro leito na mesma unidade de terapia intensiva.

O uso dos EPIs pode fornecer proteção aos profissionais de saúde, embora, muitas vezes, não haja o uso adequado destes e nem a frequência de troca. Tais fatores podem expor os profissionais e aos demais pacientes a acidentes e contaminações (SOUZA et al., 2011). Em relação a prática da higiene das mãos, recomenda-se que esta ocorra em cinco momentos: antes de entrar em contato com o paciente; antes da realização de procedimentos assépticos; após a exposição a fluidos corporais; após o contato com o paciente; e após o contato com áreas próximas ao paciente (ANVISA 2017).

Em pacientes que estão em isolamento de contato é preconizado o uso do avental de mangas longas que deve ser utilizado durante toda a assistência ao paciente, inclusive no contato em áreas próximas ao leito. O avental tem a finalidade de proteger a roupa e a pele do profissional de saúde, assim, seu uso deve ser restrito a um único paciente a fim de evitar a contaminação cruzada a outros pacientes da UTI (BADISTONI et al., 2011).

A reflexão a respeito da utilização de EPIs em pacientes submetidos a isolamento de contato é um problema destacado na vivência dos acadêmicos, pressupondo que o excesso de trabalho é um dos fatores que levam os profissionais de saúde a não utilizar os mesmos. Cabe a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar e ao enfermeiro que coordena UTI a exigirem, fiscalizarem e implementarem práticas de educação em saúde como treinamentos, capacitações, aulas,

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

seminários, palestras e workshops, que visem resgatar o correto uso dos EPIs. Assim, cria-se um ambiente de segurança, fazendo com haja sensibilização e adesão ao uso correto de EPIs por parte de profissionais.

Considerações finais

A experiência vivenciada pelos acadêmicos teve por finalidade a análise do cenário observado, proporcionando sugestões de resolutividades para problemas deparados como. O tema é de grande relevância ao meio acadêmico e profissional, por isso a importância da utilização de EPIs, pelo fato dos profissionais da área de saúde prestarem cuidados a pacientes que podem estar contaminados com microrganismos multirresistente, evitando assim a transmissão cruzada. Portanto, deve ser salientada a necessidade de aplicação de padrões voltados para uma educação permanente da equipe multiprofissional, pois se acredita que no momento que o profissional é sensibilizado o mesmo adere de uma forma mais acessível e espontânea as atividades propostas, pelo fato de sentir-se responsável pelos seus atos frente ao ambiente de trabalho, acarretando uma mudança não somente na unidade de terapia intensiva, mas em todo o ambiente hospitalar.

Descritores: Controle de infecção; Educação permanente; Enfermagem

Keywords: Infection control; Permanent education; Nursing

Referências

- ANVISA. Agência nacional de vigilância sanitária, segurança do paciente: lavagens das mãos. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/servicosade/manuais/paciente_hig_maos.pdf>
- ANVISA. Agência nacional de vigilância sanitária. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/servicosade/controle/precaucoes_a3.pdf>
- BADISTONI, Emanuelle Andrade; et al. Importância do EPI: Percepção da Equipe de Enfermagem na Sala de Emergência. Revista Eletrônica Acervo Saúde. Vol. 2, p. 55-69 2011
- FERREIRA, Helder; LALA, Eliane Raquel Peres. Pseudomonas Aeruginosa: um alerta aos profissionais de saúde. Rev Panam Infectol, v. 12, n. 2, p. 44 - 50, Jan 2010
- LOPES, Célio Ricardo Oliveira. isolamento hospitalar e participação do enfermeiro. 2015. 43 f. Tese (Trabalho de conclusão do curso (Enfermagem) - Fundação Educacional do Município de Assis - FEMA, Assis - SP, 2015. Disponível em: <<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1311370381.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2017
- OLIVEIRA, Adriana Cristina; KOVNER, Christine Tassone; SILVA, Rafael Souza. Infecção hospitalar em unidade de tratamento intensivo de um hospital universitário brasileiro. Revista Latino Americana em Enfermagem, v.18, n.2, p.97-104, mar - abr 2010
- OLIVEIRA M.S. Tratamento de infecções causadas por acinetobacter spp. resistente a carbapenem. 2007. 107f. Dissertação de mestrado - universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- PELEG, Anton Y; SEIFERT, Harald; PATERSON, David L. Acinetobacter baumannii: Surgimento de um patógeno bem sucedido. Rev Clinic Microbiol, v.21, n. 3, p. 538 - 582, jul 2008
- PRADO, Marta Lenise; et al. Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. Esc Anna Nery, V. 16, n.1, p. 172-177 Mar 2012

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

SOUZA, Ellen Lucy Vale; et al. Uso dos equipamentos de proteção individual em unidade de terapia intensiva. Revista de enfermagem referência, v.3, n. 4, p. 125 - 133, jul 2011